

ABRIL \*

TEMA: Sincretismo

A chama crioula no Rio Grande do Sul

Por Augusto Paim

O menino-escravo perde um cavalo da estância e, como castigo, é torturado por seu patrão até quase morrer, sendo salvo por Nossa Senhora. É o que conta a lenda do Negrinho do Pastoreio, uma das mais conhecidas no Rio Grande do Sul, onde o herói é negro e o vilão é branco. Um reflexo da situação dos negros do extremo sul do Brasil no século XVIII, quando o trabalho escravo era utilizado para a produção de charque. O primeiro recenseamento, feito em 1780 pelo tenente Córdova, apontava a existência de mais de 5 mil negros, o equivalente a 28,4% da população gaúcha na época.

A professora de comunicação Rhéa Sylvia Gartnër, que estuda a África há mais de 30 anos, especifica a origem desses povos: “Os africanos e descendentes entrados à força no Rio Grande do Sul, de 1737 a 1853, pertenciam a duas culturas: a sudanesa e a banto. Eles se denominavam genericamente de angolas, congos, minas e moçambique”. Segundo Rhéa Sylvia, porém, existe registro da presença africana no estado já em 1635, antes do início da colonização portuguesa. Isso se deve ao fato de a região do Prata ter feito parte da rota do tráfico negreiro promovido pelos espanhóis.

Mais tarde, os afro-gaúchos participaram da Revolução Farroupilha (1835-1845) no Corpo dos Lanceiros Negros, escravos que pegaram nas armas com a promessa de alforria ao fim do conflito. Pelos cálculos do exército imperial, os negros compunham de um terço à metade de todo o contingente do exército rebelde.

O afro-gauchismo

Atualmente, segundo o IBGE, apenas 5,3% da população do Rio Grande do Sul se autodeclara de cor preta. Ainda assim, é o maior porcentual da região Sul do Brasil.

---

\* Como parte das oficinas, os selecionados Rumos Jornalismo Cultural desenvolveram, periodicamente, reportagens ligadas por um eixo temático comum a todos os participantes.

Esse branqueamento se deve principalmente à imigração alemã e italiana no século XIX, além da chegada de poloneses e judeus ao estado no século XX.

Segundo o tradicionalista Chico Sosa, que estuda a origem dos elementos da cultura sul-riograndense, o gaúcho primitivo, também conhecido como pêlo-duro, é resultado da mistura dos índios com os espanhóis na região do Prata. O hábito de tomar chimarrão, aliás, é herdado dos índios, sendo que a palavra “*cimarron*”, que deu origem ao termo, é espanhola e quer dizer xucro, bárbaro, bruto. Sosa afirma, porém, que as influências africana e indígena na cultura gaúcha se confundem.

Os negros ingressaram no Rio Grande do Sul no século XVII e, com isso, passaram a participar do processo de sincretismo que veio a formar a cultura gaúcha. Segundo Sosa, toda a percussão da música tradicionalista sul-rio-grandense tem influência do ritmo africano. Como exemplos, a vaneira, que é uma dança cubana que foi para a Espanha e depois retornou ao estado como vaneirão, e a polca, que é de origem polaca, mas pegou influência africana. Outra dança típica, a milonga tem sua nomenclatura originada no verbo “milonguear”, que significava “falar” para os negros que formaram a cultura gaúcha.

No livro *O Linguajar do Gaúcho Brasileiro*, o historiador Dante de Laytano aponta mais alguns desses africanismos lingüísticos em palavras como angico (árvore), banzo (tristonho, pensativo), bocó (pessoa tola), bugiganga (coisa pequena, insignificante), caçula (filho mais moço), cafundó (lugar distante), cambada (corja de desordeiros), japona (casaco de pano grosso) e marimondo (inseto), entre outros.

Também existem estudos que afirmam uma forte presença da prática de religiões de origem africana no estado. O batuque e a umbanda são praticados até mesmo em cidades colonizadas por alemães e italianos.

A professora Rhéa Sylvia, que possui a maior biblioteca sobre o continente africano do estado, dá exemplos da contribuição africana na culinária. O doce de coco, a canjica e o quibebe são algumas dessas comidas que tiveram origem no outro lado do Atlântico. Para ela, porém, a maior influência dos negros está na maneira de pensar. A alegria, a bondade, a tolerância, o amor à paz e a bravura são, na sua visão, influências negras no caráter não só do gaúcho, mas de todo brasileiro.

TEMA: Identidade

Os gaúchos

*Um sujeito de bota, bombacha, lenço e chapéu, tomando chimarrão enquanto assa o churrasco. Outro todo de branco, colares em volta do pescoço, batucando numa caixa de fósforos. Qual deles é gaúcho? A resposta pode não ser tão óbvia quanto parece.*

Por Augusto Paim

Quem chega a Porto Alegre pela BR-116 encontra, na entrada norte da cidade, uma estátua de bronze com 6,55 metros de altura e 3,8 toneladas. Trata-se do *Monumento ao Laçador*, escultura representando um gaúcho típico segurando um laço e olhando para o horizonte. O modelo para a estátua, construída em 1958 e considerada símbolo do Rio Grande do Sul, foi o tradicionalista Paixão Côrtes. Junto com mais sete colegas do grêmio estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, Côrtes fundou, em 1948, na capital do estado, o 35 Centro de Tradição Gaúcha (CTG), marco do início do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG, [www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br)), que sistematizou os elementos da cultura sul-riograndense.

Em mais de meio século de existência, o MTG não só se consolidou como se expandiu para outras regiões. Hoje existe uma Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha, congregando entidades de estados do Sudeste e do Centro-Oeste. O MTG também já se faz presente em outros países (há uma Confederação Norte-Americana da Tradição Gaúcha) e continentes. Portanto, ser gaúcho não é mais sinônimo de ser sul-riograndense.

Mas o que é ser gaúcho?

“Os gaúchos inventaram uma rede de CTGs como máquina poderosa para a replicação de seu código ‘tradicionalista’ e seu peculiar ‘modo de vida’. Não há nada parecido, nem tão eficaz, em outros movimentos culturais brasileiros. Não há, por exemplo, um CTC, Centro de Tradições Cariocas, ou Cearenses.” Essa foi a conclusão de Hermano Vianna, doutor em antropologia social pelo Museu Nacional/UFRJ, ao detectar um grupo tradicionalista na divisa entre Minas Gerais e Bahia. “Em muitas

idades brasileiras, para muitos jovens, ser gaúcho se tornou uma 'opção identitária' tão válida, tão 'reconfortante' e tão divertida quanto ser punk ou ser surfista", afirma.

Para Ada Cristina da Silveira, doutora em jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, e autora do livro *O Espírito de Cavalaria e as Suas Representações Midiáticas*, essa identificação de etnias diversas com o gauchismo se dá através dos valores pregados por ele, como a auto-afirmação e a busca da luta, do enfrentamento e da coragem. A origem desses valores estaria na história de combates do Rio Grande do Sul, principalmente na Revolução Farroupilha (1835-1845).

Essa mitificação do gaúcho guerreiro é criticada pelo sociólogo Cristóvão Feil, em artigo intitulado "A Disneylândia de bombachas". Segundo ele, durante a Revolução Federalista (1893-1895) foram mortas mais de 10 mil pessoas, "entre civis e militares de ocasião, numa Província que contava com 1 milhão de almas, onde a degola de prisioneiros era prática comum em ambos os lados – liberais e republicanos". Feil explica que há uma idealização do passado por parte do tradicionalismo e que "os primeiros esboços desse constructo mental que procura representar o tipo ideal dos indivíduos nascidos na região meridional do Brasil foram dados por jovens líderes políticos republicanos, ainda no final do século XIX, todos seguidores do positivismo de Auguste Comte".

Mais do que isso

"A identidade que o senso comum registra do gaúcho é uma das tantas tradições inventadas pelo mundo afora", afirma Feil, que argumenta: "A cultura do Rio Grande do Sul é muito mais rica do que o estereótipo do tradicionalismo fetichizado. O tradicionalismo crioulo é excludente e autoritário, sufoca todas as outras manifestações de um estado múltiplo, colorido de etnias, artes, linguagens e imaginários".

As causas dessa homogeneização da cultura sul-rio-grandense estariam na origem do movimento tradicionalista (expressão paradoxal para Feil, já que "tradicionalismo" evoca algo fixo no tempo, portanto não há movimento). Paixão Côrtes e os demais fundadores do 35 CTG eram representantes da classe média urbana e filhos de fazendeiros latifundiários (herdeiros, portanto, dessa visão de mundo) "reivindicando uma mitologia do mundo rural". Em função disso, italianos, alemães, judeus, poloneses, índios e negros, entre outras etnias que compõem a população sul-rio-grandense, ficaram de fora da construção dessa representação.

“O tradicionalismo propugna um determinado conjunto de valores com o qual nem todas as facções da sociedade concordam”, aponta Ada. Mas por que esse sucesso na construção da imagem do gaúcho típico? A resposta estaria no funcionamento da indústria cultural. “O estereótipo é um elemento extremamente conveniente, porque é de fácil assimilação”, explica.

“Quem determina o que há de gaúcho numa roupa, numa dança? Quem diz o que é gaúcho e o que não é? A Carta [de Princípios] do MTG? Os manuais de Paixão Côrtes?” Essas questões, levantadas por Hermano Vianna, são o resumo da discussão sobre a autenticidade do tradicionalismo. E mostram que saber quem é ou não gaúcho não é assim tão fácil.

---

JULHO/AGOSTO/SETEMBRO

Cobertura do Festival Cultura da Nova Música Popular Brasileira

Começa o Festival Cultura

Por Augusto Paim

Quem lembrar dos grandes festivais das décadas de 60 e 70, com os músicos lutando contra a censura da ditadura para ter suas canções apresentadas diante de públicos que vaiavam ou aplaudiam com o mesmo fervor, certamente se perguntará: o que o Festival Cultura, organizado pela TV Cultura de São Paulo, tem em comum com eles? A resposta pode ser frustrante.

O público que foi ao Sesc Pinheiros, em São Paulo, na última quarta-feira, não vaiou nem jogou nenhum objeto no palco. Na verdade, todas as músicas (que no máximo protestavam contra os modismos) acabaram sendo aplaudidas.

Foram apresentadas 12 canções, que exploraram a mistura de ritmos, como em “Maracatu, Samba e Baião”, de Ito Moreno. A metalinguagem, o amor e as condições do acesso dos artistas ao mercado cultural foram alguns temas cantados. Também houve regionalismos, como na canção “Guri de Acampamento”, do gaúcho Luiz Carlos Borges, uma das selecionadas.

A primeira eliminatória do Festival Cultura, transmitido pelo TV Cultura, contou ao fim com um show de Leila Pinheiro. Haverá mais três eliminatórias, nas próximas quartas-feiras. As semifinais ocorrerão nos dias 31 de agosto e 7 de setembro. A grande final acontecerá em 14 de setembro.

---

OUTUBRO

TEMA: Novos meios

A nova literatura eletrônica

Por Augusto Paim

Desde que o homem é homem ele conta histórias. Há mais ou menos 6 mil anos, porém, é que começou a registrá-las: é a invenção da escrita! De lá para cá, escrevemos em pedras, paredes de cavernas, tábuas, árvores, papiros e, finalmente, papel. Agora uma nova geração de escritores faz uso da tecnologia do [hipertexto](#) (essa que permite a você clicar em links e ir abrindo novos textos) para concretizar velhos sonhos literários e explorar novas possibilidades de escrita.

Quer saber mais? Escolha o que você quer ler!

Os Três Mosqueteiros [\[link\]](#)

O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam [\[link\]](#)

Afternoon [\[link\]](#)

[\[index1\]](#)

Caminhos que se bifurcam

Você talvez já tenha lido aqueles livros de RPG (Role Playing Game ou, em português, jogos de interpretação de personagens) nos quais você escolhe que caminho seguir: se quiser ir para o castelo encontrar a princesa, vá para a página X; se preferir enfrentar o dragão malvado, vá para a página Y; se mudou de idéia e quer voltar para a aldeia e beber uma cerveja com os amigos, vá para a página Z.

Pois é, esse é um exemplo de como a literatura em hiperficção já existia antes mesmo de a internet ter se tornado essa grande rede de comunicação em que você está agora, neste exato momento!

Para começar, há estudiosos que afirmam que o índice dos livros é uma forma primitiva de hipertexto. O mesmo vale para notas de rodapé, citações, bibliografias e o uso de recursos intertextuais, como citar outros autores e obras: todos remetem a uma leitura não-linear do texto. Ou, como prefere o professor de comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) [Marcos Palácios](#), a uma leitura multilinear, já que cada leitor estabelece uma linha de leitura própria a cada nova leitura.

Assim, como o próprio Palacios ilustra, existem célebres obras impressas que foram escritas de formas multilineares, como *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortazar (1966), *Em uma Noite de Inverno um Viajante* (1981), de Italo Calvino, *O Dicionário Kazar* (1988), de Milorad Pavitch, *Cent Mille Millions de Poèmes*, de Raymond Queneau (que tem uma [versão interativa](#) na internet), o conto de Jorge Luis Borges sobre “O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam” (1941) e *Composition numéro 1*, de Marc Saporta (1965). A obra de Borges, aliás, é repleta da figura do labirinto, usada por estudiosos como [Lúcia Leão](#) como metáfora da construção e da leitura em hipertexto. Já o livro de Saporta nem é bem um livro, mas algo como um baralho, em que o leitor escolhe inclusive quando encerrar a leitura e, em consequência, a história.

Trata-se de uma geração de escritores pré-hipertextuais ou, como alguns preferem chamar, *avant la lettre*, que usaram recursos mais tarde apropriados pelos adeptos da literatura em hipertexto. Foi uma primeira geração, depois da qual aconteceu muita coisa. Hoje há inclusive escritores que publicam somente pela internet, principalmente em blogs. O que abre uma nova discussão a respeito do fim do livro.

Leia mais sobre o fim do livro aqui [\[link\]](#)

Os Três Mosqueteiros [\[link\]](#)

Afternoon [\[link\]](#)

Home [\[link\]](#)

[\[index2\]](#)

“Eu quero dizer que posso ter visto meu filho morrer hoje”

A afirmação acima é a primeira das 593 lexias (blocos de texto que você vai descobrindo a cada clicar do mouse) da obra *Afternoon*, de Michael Joyce (não confundir com James Joyce, autor de *Ulisses*), considerada a primeira ficção em hipertexto. A partir dela o leitor/internauta vai desvendando o restante da história, aos poucos, em movimentos circulares. Trata-se de uma construção em forma de labirinto, que procura quebrar a tradição linear de narração.

*Afternoon* foi publicado em 1987 pela [Eastgate Systems](#), editora especializada na publicação de ficções em hipertexto. A empresa disponibiliza em seu site um programa chamado Storyspace, através do qual Michael Joyce escreveu sua obra. Qualquer um pode chegar lá e baixar uma versão demonstrativa.

Michael Joyce foi o pioneiro na hiperficção e abriu caminho para outros autores. Alguns ele mesmo cita em artigo no livro [Interlab - Labirintos do Pensamento Contemporâneo](#): a romancista Shelley Jackson, com *Patchwork Girl or a Modern Monster*; o poeta Philippe Bootz; Adrienne Wortzel, com *Ah, Need*; Marjorie Luesebink, com *Lacemaker*; e assim vai. No [site](#) de George P. Landow, estudioso de hiperficção, e no Hyperizons [<http://www.duke.edu/~mshumate/hyperfic.html>], espaço especializado, você encontra mais exemplos.

No Brasil, o marco é 1998, quando surge a obra [A Dama de Espadas](#), de Marcos Palacios. [Tristessa](#), de Marco Antônio Pajola, e *Baile de Máscaras*, de Vera Mayra, são outros exemplos do mesmo ano. A história de Palacios rendeu uma análise de outro escritor, Sérgio Caparelli, que também tem obras hipertextuais. Vale conferir o espaço [Ciber & Poesia](#), parceria de Sérgio com Ana Cláudia Gruszynsk. Nesse portal, os dois exploram outras possibilidades do hipertexto, para além da simples escrita multilinear, como o uso de sons e movimento.

Os Três Mosqueteiros [\[link\]](#)

O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam [\[link\]](#)

Home [\[link\]](#)

[index3]

“Um por todos, e todos por um!”

A frase acima, imortalizada pela obra *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, ilustra uma das possibilidades que se abrem com o uso de recursos hipertextuais: a autoria coletiva. É isso mesmo, um texto composto a quatro mãos ou, no caso da literatura on-line, 20 dedos!

A Feira do Livro de Porto Alegre, por exemplo, promove há alguns anos concursos literários que buscam uma aproximação com a linguagem da internet. “Eu conto.com/alguém” é uma das categorias, justamente uma proposta de autoria coletiva: a cada dia, um autor consagrado começa uma história que será continuada pelos visitantes da feira, através de um terminal montado no local. Cada pessoa que vai lá lê o que foi escrito antes e dá seguimento à história. Cabe ao autor bolar um desfecho ao fim do dia.

Projetos como esse, só que permanentes, proliferam na internet. Isso se dá principalmente em função do uso da tecnologia [wiki](#), que permite que várias pessoas postem e editem textos em um único espaço.

A maior divulgação literária proporcionada pela internet pode ser uma das razões para o surgimento desses projetos de autoria coletiva. Muitos sites sobre literatura foram e vêm sendo lançados, permitindo o acesso a textos que, por via impressa, teriam mais dificuldade de chegar ao leitor. Trata-se de um incentivo à leitura e, em consequência, da escrita. É o caso do [Jornal da Poesia](#) e do [Bestiário](#), exemplos de revistas eletrônicas que divulgam obras consagradas da literatura ao lado de trabalhos de quem está dando os primeiros passos na área.

Alguns exemplos de sites coletivos:

[CityThreads](#)

[Ipertesto Colaborativo di Media/Mente](#)

[Poetry Web](#)

[Selma](#)

[The Madame de Lafayette Book of Hours](#)

[Writers Workshop](#)

[Written Word](#)

Afternoon [\[link\]](#)

O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam [\[link\]](#)

Home [\[link\]](#)

[\[index4\]](#)

O fim do livro

E-book ou hiperlivro. Guarde bem esses nomes. A promessa é que daqui a alguns anos o livro impresso, como o conhecemos hoje, vá cedendo lugar a essas novas formas de publicação, às quais pode-se acrescentar CD-ROMs, sites e blogs. Tudo indica que folhear o livro, cheirá-lo e guardá-lo como um objeto simbólico não farão mais parte do hábito de leitura.

A discussão é ampla. As gerações mais antigas, acostumadas com o livro, têm dificuldades de ler na tela do monitor. A juventude de agora, porém, vem mexendo no computador desde cedo e já não sente esse desconforto. Como repara Tânia Rösing, coordenadora da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS) e do projeto de literatura e multimeios [Mundo de Leitura](#), as novas gerações que lêem pela internet não estão interessadas na cor ou no tamanho do monitor: querem o texto, simplesmente.

É importante, porém, entender as raízes desse debate. No artigo [“Hiperlivro: ainda um livro?”](#), Maria Augusta Babo, professora da Universidade Nova de Lisboa, mostra como o livro impresso é uma contingência da escrita, e não o contrário. Para ela, o hiperlivro não mata o livro, apenas se torna mais um suporte.

Compactuando com a visão de Babo a respeito de não haver confusão entre escrita e livro, [George P. Landow](#) lembra, em artigo da coletânea *El Futuro del Libro*, que os livros impressos também são tecnologia. Vale lembrar que a impressão começou no século XV com a invenção da máquina de Gutenberg e que a escrita existia há pelo menos 5.500 anos antes disso. Ou seja, a atual revolução causada pelo surgimento dos hiperlivros pode ser comparada à revolução da invenção dos livros, 500 anos atrás.

Outro que concorda com essa visão é o pioneiro na literatura em hipertexto Michael Joyce. Puxando a sardinha para o seu lado, ele afirma que o uso de tochas para ler as pinturas na parede das cavernas é a mais ancestral tecnologia de contar histórias. Depois disso, veio o papiro, cujo formato tem semelhanças com a leitura de uma página da internet. Mais tarde, a invenção do papel. Hoje já se fala até em [papel digital](#).

Entre as mudanças provocadas na literatura em função do hipertexto, está a maior interação entre o autor e seu público: em vez de anotar alguma observação no canto das folhas, um espaço marginal, o leitor/internauta pode escrever comentários diretamente para o autor. Roger Chartier, na obra *A Aventura do Livro – do Leitor ao Navegador*, fala também de uma maior consciência multimidiática por parte do escritor, que não se preocupa apenas com o que escrever, mas também onde e como. Essa preocupação não é recente. Segundo Chartier, alguns escritores possuíam uma consciência tipográfica já no século XVI.

Outras questões que se levantam são a respeito do fim do autor (e, em consequência, de como controlar os direitos autorais) e do editor, pois na construção de ficções em hipertexto essas duas funções acabam se misturando. Ainda não há respostas, e essas parecem ser questões que se levantam sempre que um novo suporte é inventado. E mostram que a nova literatura eletrônica ainda é um livro aberto.

Os Três Mosqueteiros [\[link\]](#)

O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam [\[link\]](#)

Afternoon [\[link\]](#)

Home [\[link\]](#)

---

Contadores de histórias se reúnem no Rio Grande do Sul

Por Augusto Paim\*

A Casa de Cultura Mario Quintana foi sede do Encontro Internacional de Escritores Contadores de Histórias, ocorrido nos dias 7 e 8 de junho, em Porto Alegre. A iniciativa partiu da escritora Marô Barbieri, ao participar da Maratona de Contos de Guadalajara, na Espanha. “Eu percebi o quanto a atividade de contador pode ser importante para a comunidade”, conta Marô.

Nove contadores de quatro países da América do Sul participaram do encontro. O público, aproximadamente 130 pessoas, veio de nove cidades gaúchas, graças a um convênio com a coordenação do evento. “Escolhi as prefeituras que sei que têm um trabalho sério na área”, explica Marô. O objetivo é que o público atue como difusor das idéias construídas com os palestrantes. Por isso, no dia 6 de junho cada contador esteve em um município, numa prévia da reunião em Porto Alegre.

O encontro contou com quatro painéis sobre a arte de contar histórias, além de oito oficinas comandadas pelos contadores. Também aconteceram momentos de descontração, em que cada pessoa podia se inscrever para contar sua história.

Segundo Sérgio Knapp, diretor da Casa de Cultura Mario Quintana, o encontro deste ano “é o primeiro de uma série”. Para 2006, Sérgio e Marô pretendem ampliá-lo em mais um dia e transformá-lo em um encontro ibero-americano, trazendo contadores da Espanha e de Portugal. Também se pretende abrir o encontro à participação de outros municípios.

#### [Box]

“O jornalismo cultural é fraquíssimo no Rio Grande do Sul e no Brasil”, avalia Sérgio Napp, diretor da Casa de Cultura Mario Quintana. A crítica foi feita no Encontro Internacional de Escritores Contadores de História, ocorrido em Porto Alegre, nos dias 7 e 8 de junho. O câmara de apenas uma emissora de televisão compareceu ao encontro para captar algumas imagens. “A imprensa não descobriu a importância do evento. A cobertura foi muito pequena para sua magnitude”, reclama Napp.

Sérgio Napp tem mais de 40 anos de experiência na área e afirma: “O jornalista cultural de hoje fica sentado dentro da redação, aguardando o release. Ele não participa, ele não vai ao evento”. Por causa disso, “o público fica sem saber o que está acontecendo dentro do seu setor cultural”, critica.

Perfil:

Carlos Urbim: jornalista, escritor e contador de histórias

Por Augusto Paim\*

Carlos Urbim nasceu em 1948 na cidade de Sant’Ana do Livramento, divisa com o Uruguai. Aos 18 anos, mudou-se para Porto Alegre para estudar comunicação social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Concluiu o curso em 1970.

Apesar de estar morando há quase 40 anos na capital, Urbim não perdeu o sotaque da fronteira. “Fico furioso quando começo a falar com os taxistas e vem a pergunta fatal: ‘mas o senhor é brasileiro?’”, brinca.

Mesmo tendo daltonismo, Urbim lembra até “da cor da gravatinha que usou numa manhã muito feliz em Livramento”, quando era “um guri pobre que no verão adorava andar de pé descalço no asfalto”. Seu futuro como repórter já se manifestava naquela época: “Com 8 ou 9 anos, o ex-prefeito matou o prefeito na minha cidade. Cinco minutos depois que a notícia se espalhou eu já estava na casa do sujeito assassinado. Fui o primeiro a chegar”, conta, com orgulho.

Urbim trabalhou como jornalista por mais de 30 anos. Já a atividade como escritor de livros infantis começou quando contava histórias para os filhos Emiliano e Glauco. “Eu chegava em casa muito tarde e tinha dois molequinhos serelepes querendo a atenção do pai”, lembra.

Seu primeiro livro infantil, *Um Guri Daltônico*, foi lançado em 1984. A partir daí, Urbim passou a escrever para as crianças, num total de 14 livros. Recentemente vem produzindo obras sobre a memória do Rio Grande do Sul. Também cria argumentos para minisséries.

\* Enviado especial a Porto Alegre pelo programa Rumos Itaú Cultural Jornalismo Cultural 2004-2005., Augusto Paim saiu de Santa Maria rumo a Porto Alegre para cobrir o Encontro Internacional de Escritores Contadores de Histórias, ocorrido nos dias 7 e 8 de junho na Casa de Cultura Mario Quintana.

